



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6042 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

A AMBIGUIDADE NO PROCESSO FORMATIVO BURGUEZ: UMA LEITURA DA OBRA *DEMIAN*, DE HERMANN HESSE

Maria Fernanda Diogo - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Jose Oto Konzen - UFG - Universidade Federal de Goiás

A AMBIGUIDADE NO PROCESSO FORMATIVO BURGUEZ:

UMA LEITURA DA OBRA *DEMIAN*, DE HERMANN HESSE

Ao enumerar as razões para a leitura dos clássicos, Calvino (1993) enfatiza que esses se ocultam “nas dobras da memória” e se mimetizam ao inconsciente pessoal e coletivo. Afinal “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (p. 9). Poderia, então, uma obra publicada na Alemanha, na segunda década do século XX, iluminar perspectivas e escolhas contemporâneas?

Diante deste questionamento, realizamos a análise de *Demian*, de Hermann Karl Hesse (2018). A obra narra o percurso formativo de um jovem da classe burguesa ansioso por superar o antagonismo psíquico que emerge na sua relação com o mundo social. Algumas perguntas foram tomadas como bússolas do estudo: como Hesse aborda a ambiguidade da sociedade burguesa? De que forma ele busca superá-la? Que concepções o autor mobiliza em seu propósito reconciliador? Que luzes a obra pode lançar ao contexto político, cultural e moral contemporâneo e, em particular, sobre o Brasil de 2020?

Este estudo se insere em um projeto coletivo de investigação vinculado ao Grupo de Estudos Trabalho e Conhecimento na Educação Superior (TRACES/UFSC) e seu método se baseia em Bianchetti e Thiesen (2014). Os autores sustentam ser fundamental revisitar os clássicos para aprofundar a compreensão da trajetória de nossa materialidade histórica. Sob a inspiração dos autores, realizamos a leitura e a interpretação de *Demian* introduzindo o escritor, seu contexto histórico e período de elaboração do texto. Na sequência, analisamos a obra e a correlacionamos ao nosso momento histórico.

Hesse nasceu em Calw, Alemanha, em 1877 e faleceu em Montagnola, na Suíça, em 1962. Considerado um dos maiores escritores do Século XX, recebeu, em 1946, o Nobel de Literatura. Romancista, contista, poeta, ensaísta e editor, foi expoente do expressionismo alemão e promoveu uma inusitada fusão entre o espírito alemão e a mente oriental. Segundo Enne (2005), suas obras têm forte influência do Romantismo alemão – ênfase no indivíduo, no processo de autoconhecimento e no sofrimento como via de transformação – e, também, fazem uso de concepções psicanalíticas. Barroso (2018) acrescenta que Hesse se apropriou de

uma tendência da época ao introduzir a doutrina de Freud (1856-1839) em suas obras – ele era estudioso da Psicanálise, tendo sido analisado por Lang, discípulo de Jung (1875-1961), quando vítima de crise de neurastenia que o acometeu após a Primeira Guerra Mundial. Além disso, o autor destaca que Hesse viajou à Índia, em 1911, onde manteve contato com a espiritualidade e a cultura hindu, temas presentes em suas obras.

O contexto histórico e período de elaboração da obra é marcado pelo final da Primeira Guerra Mundial, cujo cessar fogo foi declarado em novembro de 1918, e pela Revolução Russa (1917-1923), na qual o Partido Bolchevique derrubou a monarquia russa e erigiu o governo socialista soviético. Foi no cenário de uma Alemanha humilhada pela rendição e sob a assinatura do Tratado de Versalhes (1919) – que estabeleceu indenizações, impôs restrições ao exército e determinou a perda de um sétimo dos territórios alemães para as nações fronteiriças (ARARIPE, 2006) – que Hesse publicou *Demian*, em 1919. Para Enne (2005, p. 95), “Hesse é um ícone de uma Alemanha não mais existente, uma oportunidade rara de preservação de valores, propósitos e símbolos aparentemente perdidos no caos instaurado nas primeiras décadas daquele século”.

A obra, narrada em primeira pessoa, conta a história de Emil Sinclair da infância à mocidade. A narrativa se inicia aos dez anos de idade do protagonista e se sustenta em uma dualidade inconciliável entre o mundo “luminoso” – relativo à família burguesa, lugar de privacidade e segurança, no qual se cultiva o amor e o afeto – e o “sombrio” – que abarca as relações mundanas extrafamiliares, de natureza ameaçadora e povoado por homens embriagados, ladrões, velhas feiticeiras, mulheres escandalosas. No mundo luminoso “[...] se deveria permanecer para que a vida fosse clara e limpa, bela e ordenada” (HESSE, 2018, p. 13-14).

Tornar-se adulto, todavia, presunha o ingresso na esfera pública, intermediada pela escola. Sinclair frequentava uma instituição particular, na qual tinha amizade com colegas que, como ele, integravam o mundo “bom e permitido”. Além destes, convivia também com meninos que frequentavam a escola pública, para os quais não olhava com simpatia. Em uma tarde sem aula, um deles, cuja família desfrutava de má fama, se junta ao grupo. Franz Kromer começa a tecer relatos de travessuras e maldades. Ao comparar-se com ele, Sinclair experimenta sentimentos de constrangimento e temor. Na busca por ser aceito e respeitado, o protagonista inventa um roubo de maçãs em pomar alheio. A partir dessa bravata, Sinclair passa a ser chantageado e explorado por Kromer, que converte sua mentira em objeto de subordinação sob a ameaça de entregá-lo ao proprietário do pomar. Assim, Kromer e seu “mundo sombrio” passam a exercer forte pressão emocional sobre o protagonista, reforçando medos e sofrimentos, mas, também, novas sensações: o mergulho na obscuridade faz Sinclair sentir-se superior ao seu pai quando esse o repreende por um ato de relevância menor: “senti certo desprezo por sua ignorância” (HESSE, 2018, p. 25). Esse sentimento transgressor lhe trouxe terror, culpa e demarcou o fim da sua infância.

Nesse ponto da narrativa, Hesse nos apresenta Max Demian, estudante recém matriculado na escola e filho de “viúva de posses” (integrante do “mundo luminoso”). Após uma aula de História Sagrada, Demian se aproxima de Sinclair e lhe apresenta uma interpretação inusitada à narrativa bíblica de Caim e Abel. Segundo o livro do Gênesis (BÍBLIA online, s/d, 4:10-15), num rompante de ira Caim tirou a vida de seu irmão, Abel, sendo castigado por Deus com um sinal na fronte. Na interpretação de Demian, o sinal se converte em elemento afirmativo: “aquele homem era poderoso e esparzia inquietude. Tinha um ‘sinal’. [...] Caim era um bom sujeito e lhe arranjaram essa história porque o temiam” (HESSE, 2018, p. 39). A temática do sinal indelével, invisível aos seres comuns e que distingue os “escolhidos” perpassa todo o romance. Sinclair fica atraído pela interpretação de Demian e acredita que o novo amigo parece traduzir a figura de Caim, passando a olhá-lo

com fascínio: “como brilhava o seu olhar, seu estranho olhar de adulto, enquanto ia falando! [...] não era, de certa forma, uma espécie de Caim, já que possuía aquele estranho poder no olhar?” (p. 41).

Demian livra Sinclair da subordinação a Franz Kromer. Contudo o protagonista percebe não mais ser possível o retorno ao “paraíso perdido”, lançando-se num caminho de iniciação – por vezes solitário, por vezes mediado por terceiros. Seus sentimentos oscilam entre a interpretação dos textos sagrados em conformidade com os cânones tradicionais e aquelas oferecidas por Demian. Por exemplo, o amigo discorda da antítese estabelecida pelos escritos bíblicos entre Deus e o Diabo, pois não é possível cindir o bem e o mal e silenciar o último. “Ninguém o consegue, a partir do momento em que começa a pensar” (HESSE, 2018, p. 75) – uma clara referência à expulsão de Adão e Eva do paraíso por terem desejado se igualar ao Criador, descrita no livro do Gênesis: “e viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela” (BÍBLIA online, s/d, 3:6).

No desenrolar da narrativa, Sinclair deixa a casa paterna para continuar os estudos, mas vivencia no colégio uma sensação de “não pertencimento”. Inicialmente se entrega à vida boêmia, imergindo no mundo sombrio, mas recupera, na sequência, a interiorização e gosto pela leitura. Ao experimentar os opostos, busca a realização do núcleo psíquico (*self*) e o encontro do deus gnóstico Abraxas. Segundo Sampaio (1997), Abraxas é um asceta que funde opostos (luz e trevas, anjo e demônio, homem e mulher) e oferece seus dons a quem enfrenta seu lado sombrio, representando o símbolo arquetípico da vida, aquele que se purifica e atinge a ascese. Abraxas torna-se o símbolo da trajetória protagonista em busca da integração de seu *self* e o aproxima de outro importante personagem, Pistórius, um novo guia em seu processo de autoconhecimento. Nesse percurso, Sinclair se dá conta de que ele próprio é marcado pelo sinal de Caim, tal qual descrito por Demian.

Ao reencontrar o amigo, debatem sobre o seu tempo, caracterizado por Demian como sob um “instinto gregário”. “O que hoje existe não é comunidade: é simplesmente o rebanho. Os homens se unem porque têm medo uns dos outros e cada um se refugia entre seus iguais: rebanho de patrões, rebanho de operários, rebanho de intelectuais” (HESSE, 2018, p. 153). Em contraponto ao espírito comunal, Demian exalta a autoafirmação, a autenticidade e, a partir do indivíduo, projeta a construção de uma nova sociedade: “Veremos que o que a Natureza quer com o homem está gravado no indivíduo, está gravado em ti e em mim” (p. 155). Nesse trecho, evidencia-se a ideia perseguida por Hesse de que “[...] cada indivíduo, como uma mônada, encerra em si a divindade” (ENNE, 2005, p. 106). A referência ao espírito gregário e à moral de rebanho poderia nos remeter ao filósofo Nietzsche (1998), que identifica a tradição Ocidental (socrático-cristã) com a moral dos fracos, fruto de uma inversão dos valores afirmativos da tradição homérica. Hesse, todavia, não parece se fixar no pensamento nietzschiano, uma vez que a busca de Sinclair incide justamente sobre a superação dessa dicotomia.

Sinclair ingressa no contexto familiar de Demian e conhece sua mãe, Eva – personagem feminina com um quê andrógino que sintetiza os opostos: “[...] figura de mulher quase máscula, [...] bela e inacessível, demônio e mãe, destino e amante” (HESSE, 2018, p. 149). Outras “pessoas inquietas” frequentavam a casa dos Demian, uma comunidade iniciática “[...] daqueles que traziam o ‘sinal’” (p. 163).

No capítulo final, Hesse estende seu processo de reflexão da esfera individual para a coletiva, tendo por referência a Primeira Guerra Mundial. Enquanto se prepara para entrar em combate, Sinclair convive com os outros jovens nos quartéis e nas viagens, alguns “marcados pelo sinal”, e reconhece que a avaliação dos homens como um “rebanho” não lhe parecia

mais adequada, pois esses eram capazes de viver e morrer por um ideal. Para além das explicações de ordem política, ele acredita que a Guerra gestava uma “nova humanidade”. “Uma ave gigantesca rompia a casca. A casca era o mundo, e o mundo havia de cair feito em pedaços” (HESSE, 2018, p. 184).

O desfecho da narrativa evidencia as temáticas do padecimento e do renascimento, centrais ao Romantismo alemão (ENNE, 2005). Apreendemos, também, referências à psicanálise freudiana, principalmente ao livro *O mal-estar na civilização*, no qual Freud (2011) interpreta os descompassos entre a objetividade e as impotências subjetivas como a origem dos desejos destrutivos humanos, concebendo o psiquismo a partir de dois princípios complementares: a pulsão de vida e a de morte. Se tomadas isoladamente, essas resultariam antagônicas, mas em conjunto atuariam em favor da preservação da vida. Desequilíbrios entre as exigências impostas pela civilização e as possibilidades de sublimação aflorariam agressividades, que se voltariam contra a sociedade e a fariam “cair feito em pedaços” (HESSE, 2018, p. 184).

Demian é um clássico da literatura do século XX e, como tal, sua análise literária possibilita inúmeras interpretações. Já apontamos na apresentação da obra que Hesse mobiliza referências místicas, bíblicas e psicanalíticas para delinear o percurso conciliador travado por Sinclair. Em nossas reflexões finais, gostaríamos de analisar a fraude na qual se assenta a narrativa – focada no plano subjetivo de um jovem da classe burguesa movido pelo desejo de reconciliação entre dois mundos.

Uma *mentira original* (usada aqui como corruptela para o pecado original bíblico) contrapõe Sinclair (integrante do mundo luminoso, burguês) a Kromer (pertencente ao mundo sombrio, representante da classe trabalhadora). Ao blefar no episódio do roubo, Sinclair é expulso de seu paraíso e assolado pela culpa e pelo medo. O furto das maçãs nos remete à passagem bíblica da expulsão de Adão e Eva do paraíso (BÍBLIA online, s/d, Gênesis 3:6-7). Essa referência externa reedita o caminho do desterro da humanidade numa trajetória individual. A Eva das escrituras proporciona ao companheiro a tomada de consciência e, também, a ruína e o exílio. Eva é, também, o nome dado por Hesse à mãe de Demian, a personagem feminina central para o processo de tomada de consciência de Sinclair.

Em relação à farsa representada por Sinclair, destacamos a *natureza* do roubo e do medo que dele decorre desde o contexto das relações sociais capitalistas. Conviria perguntar: no enquadre capitalista, quem rouba de quem? Quem tem medo de quem? Sinclair acredita que Kromer é um ladrão e habita um mundo diferente do seu: ele o teme e sente um impulso inconsciente – referência à psicanálise – de identificar-se com ele mediante a invenção de uma história de ladroagem. Mas, do ponto de vista do conteúdo, não se trata de uma mentira pura e simples, pois diferentemente da narrativa bíblica, a qual representa a relação entre homem e natureza e envolve um ato de desobediência à divindade, a narrativa de Hesse nos coloca diante da relação entre o *indivíduo* e a *propriedade privada*, convertida em paraíso para o capitalista. O paraíso burguês repousa sobre uma *mentira fundante* – a extração da mais-valia, que representa o roubo oficializado e racionalmente justificado (MARX, 2008), que tem como correspondente psíquico o medo.

Sinclair, pertence ao mundo luminoso e usufrui das benesses dessa *mentira original*. Ao inventar o roubo das maçãs, ele reedita um embuste incorporado cultural e psicologicamente pelos personagens da narrativa em outras bases. O roubo é apresentado como a expropriação da propriedade alheia (o pomar de outro burguês) e não do trabalho alheio – de forma que o capitalista se converte em vítima. Em nome da verdade dessa mentira, Sinclair é incriminado e subjugado por Kromer – até ser salvo por Demian, outro integrante do “mundo luminoso” e representante burguês, que reestabelece o *status quo*.

Em nossa análise, o grande tensionamento apresentado por Hesse diz respeito à relação que Sinclair estabelece com a *mentira original*. Enquanto classe, a burguesia utiliza a racionalidade instrumental e calculista para subordinar os trabalhadores e legitimar sua dominação, convertendo-a em princípio e fim de suas ações (MARX, 2008). Todavia, embora integrante do mundo burguês/luminoso, o protagonista percebe e se incomoda com a cisão entre os dois mundos. Em sua busca por autoconhecimento, Sinclair almeja harmonizar os opostos no plano subjetivo, motivo dele perseguir a figura mitológica do deus gnóstico Abraxas.

Contudo, percebemos que a reconciliação proposta por Hesse não se efetivou no decurso da narrativa – e *não poderia* se efetivar no seio das relações capitalistas. Em primeiro lugar, só os eleitos, aqueles que possuem o “sinal”, teriam acesso à iluminação. As relações de Sinclair no decorrer da trama se restringem ao privilegiar o convívio com os escolhidos, a maioria integrante da sua classe social e cultural. Assim, o protagonista se isola em uma torre de marfim, cercado por outros que pensam e agem como ele.

O segundo ponto é que a narrativa desloca a possibilidade de reconciliação para as profundezas do psiquismo humano ou a remete ao misticismo e às divindades. O individualismo é a saída proposta por Hesse, resumida de forma exemplar em uma frase proferida pelo místico Pistórius: “se toda a humanidade percesse, com exceção de um menino sobrevivente, tornaria a encontrar o curso das coisas e poderia criar tudo de novo: deuses, demônios e paraísos, mandamentos e proibições, antigos e novos Testamentos” (HESSE, 2018, p. 120-121). Enne (2005) também reconhece no autor uma moralidade que interliga o processo de reconstrução do mundo ao indivíduo singular. Marx já denunciava na *Gazeta Renana*, em 1841, que essa reconciliação não é factível à esfera da imaginação e do individualismo, sendo necessária a transformação das relações sociais, configurando-se um *desafio coletivo* (ESPÍNDOLA, 2003).

Enfim, o impacto das escolhas de Sinclair é pífio, pois, para escapar da “moral de rebanho”, ele utiliza recursos simbólicos que o mantêm fragmentado e cindido, recolhido em seu isolamento psíquico e refugiado entre os eleitos, os marcados com o sinal, mantendo-se o *establishment*.

Se um clássico é uma obra que não terminou o que tinha a dizer (CALVINO, 1993) será que *Demian* pode nos dar pistas para melhor compreendermos o nosso momento histórico? Na obra, a guerra gestava uma nova humanidade: “o novo se anuncia e há de ser terrível para aqueles que permanecerem ligados ao antigo” (HESSE, 2018, p. 182). Em 2020, travamos batalhas contra um inimigo invisível e a mídia anuncia um “novo normal” – nosso mundo também “cai feito em pedaços”, as esferas política, econômica e sanitária se digladiam, a sobrevivência determina o isolamento social e, acima de tudo, alternativas individualizantes sobrepõem as sociais e dualidades, polarizações e cisões se reapresentam vigorosas num cenário dramático. Não obstante, seguimos atualizando as ações de Sinclair, ensimesmados, taciturnos, andando em círculos, ratificando o *status quo* e a ideologia dominante. As saídas que inventamos (ou que nos inventaram?) à “moral de rebanho” ainda redundam no encastelamento psíquico e/ou no misticismo e na religiosidade cega.

Considerando que a reconciliação dos opostos é uma quimera e que indivíduos não podem ser mais importantes que coletivos, nosso tempo encontrará saídas que contemplem uma perspectiva ética, política e coletiva? Conseguiremos, ainda, construir posicionamentos fundados no diálogo e nos afetos – mesmo sem almejar consensos e sem restringir nossa comunidade àqueles pertencentes ao mundo “luminoso”? Ou estaremos fadados a viver perseguindo a figura mitológica de Abraxas? Questões contemporâneas suscitadas pela revisitação de um clássico.

Palavras-Chave: Filosofia e moral. Escola e sociedade. Análise Literária. Demian. Hermann Hesse.

Referências

ARARIPE, L. de A. Primeira Guerra Mundial. *In.* MAGNOLI, D. (Org.). **História das guerras**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 319-354.

BARROSO, I. Nota do tradutor. *In.* HESSE, H. **Demian**. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 4-7.

BIANCHETTI, L.; THIESEN, J. da S. O lugar das utopias e distopias no debate social e pedagógico na atualidade: À guisa de apresentação. *In.* BIANCHETTI, L.; THIESEN, J. da S. (Org.). **Utopias e distopias na modernidade**. Educadores em diálogo com T. Morus, F. Bacon, J. Bentham, A. Huxley e G. Orwell. Ijuí/RS: UNIJUI, 2014. p. 21-42.

BÍBLIA online. **Gênesis**, s/d. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/4>. Acesso em 28 mai. 2020.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ENNE, A. L. S. O “defensor do indivíduo”: Hermann Hesse e o processo de massificação nas primeiras décadas do século XX. **Alceu**, v. 5, n. 10, p. 94-115, jan./jun., 2005.

ESPÍNDOLA, A. de. Karl Marx e a Gazeta Renana. **Serviço Social de Revista**, Londrina, v. 6, n. 1, jul./dez., s/p, 2003.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Cia. de Letras, 2011.

HESSE, H. **Demian**. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2018.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo: Cia. de Letras, 1998.

SAMPAIO, M. L. P. **Abraxas**. Deus e demônio. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.